

Modativismo: Quando a moda encontra a luta

Modativismo: When fashion meets the struggle

Modativismo: Cuando la moda se encuentra con la lucha

DOI: 10.5965/25944631012026e8123

Cristiany Soares dos Santos

Universidade do Estado de Santa Catarina

Lattes: 1395045426844854. Orcid: 0000-0001-7449-4136.

E-mail: soarescrisf@gmail.com

Henrique de Souza Goulart

Universidade do Estado de Santa Catarina

Lattes: 6066509451362852. Orcid: 0000-0002-0039-309X.

E-mail: henriquesouzagoulart@gmail.com

Aníbal Alexandre Campos Bonilla

Universidade do Estado de Santa Catarina

Lattes: 4003588751448258. Orcid: 0000-0002-2600-3491.

E-mail: alexandre.campos@udesc.br



Licenciante: Revista de Ensino
em Artes, Moda e Design,
Florianópolis, Brasil.

Este trabalho está licenciado sob
uma licença Creative Commons
Attribution 4.0 International License.

Publicado pela Universidade do
Estado de Santa Catarina

Copyright: © 2025 pelos autores.

Submetido em: 24/11/2025

Aprovado em: 20/01/2026

Publicado em: 01/02/2026

Resumo

Esta resenha analisa o livro *Modativismo: Quando a moda encontra a luta*, de Carol Barreto, publicado pela Editora Paralela em 2024. A obra propõe uma reflexão sobre as relações entre moda, corpo e política, instaurando o conceito de “modativismo” como uma epistemologia de resistência e um projeto de [re]existência estética das mulheres negras. Barreto concebe a moda como um território de luta simbólica e pedagógica, no qual o ato de vestir-se se transforma em gesto político e espiritual. A branquitude acadêmica e os paradigmas eurocêntricos que estruturam o ensino e a prática da moda são questionados pela autora a partir da proposta de uma pedagogia decolonial baseada na ancestralidade, na coletividade e na criação como forma de pensamento. Ao integrar arte, ativismo e ensino, *Modativismo* se estabelece como uma obra fundamental para a compreensão da moda enquanto prática crítica e campo de emancipação.

Palavras-chave: Moda. Ancestralidade. Decolonialidade. Negritude.

Abstract

This review analyzes the book Modativism: When Fashion Meets the Struggle, by Carol Barreto, published by Editora Paralela in 2024. The work offers a reflection on the relationships between fashion, body, and politics, establishing the concept of “modativism” as an epistemology of resistance and a project of aesthetic reexistence for Black women. Barreto conceives fashion as a territory of symbolic and pedagogical struggle, in which the act of dressing becomes a political and spiritual gesture. Academic whiteness and the Eurocentric paradigms that structure fashion teaching and practice are questioned by the author through the proposal of a decolonial pedagogy grounded in ancestry, collectivity, and creation as a form of thought. By integrating art, activism, and education, Modativism stands as a fundamental work for understanding fashion as a critical practice and a field of emancipation.

Keywords: Fashion. Ancestrality. Decoloniality. Blackness.

Resumen

Esta reseña analiza el libro Modativismo: Cuando la moda se encuentra con la lucha, de Carol Barreto, publicado por la Editorial Paralela en 2024. La obra propone una reflexión sobre las relaciones entre moda, cuerpo y política, instaurando el concepto de “modativismo” como una epistemología de resistencia y un proyecto de reexistencia estética de las mujeres negras. Barreto concibe la moda como un territorio de lucha simbólica y pedagógica, en el cual el acto de vestirse se transforma en un gesto político y espiritual. La blancura

académica y los paradigmas eurocéntricos que estructuran la enseñanza y la práctica de la moda son cuestionados por la autora a partir de una pedagogía decolonial basada en la ancestralidad, la colectividad y la creación como forma de pensamiento. Al integrar arte, activismo y enseñanza, Modativismo se consolida como una obra fundamental para comprender la moda como práctica crítica y campo de emancipación.

Palabras clave: Moda. Ancestralidad. Decolonialidad. Negritud.

Resenha

A obra *Modativismo*, de Carol Barreto, é um manifesto teórico-político que tensiona as fronteiras tradicionais entre arte, moda, ativismo e a academia. Ao reivindicar a moda como espaço de resistência que permite a elaboração de subjetividades negras, a autora redesenha o pensamento brasileiro contemporâneo transformando sua experiência pessoal, enquanto mulher negra, nordestina, artista e acadêmica, em uma ferramenta que recusa a neutralidade branca perante a criatividade e o conhecimento. Para além da estética, a moda, para a autora, é um fazer político em um campo que disputa sentidos e produz subjetividades baseadas em novas linguagens visuais, na centralidade das mulheres negras nas passarelas, o fortalecimento de redes coletivas de produção e o resgate de elementos culturais afro-brasileiros como fonte de inovação estética.

A partir da fusão entre moda e ativismo, surge o conceito de “*Modativismo*”, com a proposta de fazer, pensar e ensinar moda a partir da valorização de estéticas e saberes que desmontam as hierarquias ocidentais. A autora utiliza uma narrativa autobiográfica para enunciar que as corporeidades negras, para além de um objeto de estudo, são sujeitos que pensam, criam e, sobretudo, escrevem para questionar a autoridade do conhecimento de uma academia que é constantemente pautada em saberes e estéticas eurocentradas que, muitas vezes, marginalizaram e invisibilizaram as práticas africanas e indígenas. Para além de uma metodologia, o conceito criado por Barreto é uma prática epistemológica que se constrói frente a marginalização de saberes das populações negras, sobretudo, as mulheres.

A obra é composta por uma introdução e quatro capítulos que propõem decolonizar o olhar sobre a moda, ao situá-la como uma linguagem que possibilita a reconstruir a história e a memória sobre as comunidades

negras, sobretudo, as das mulheres. A partir de novas imagens, novos símbolos e novos horizontes no Brasil e na diáspora. Na introdução, é evidente que o projeto criado por Barreto se opõe à lógica da moda como consumo e mercadoria, uma vez que esta é compreendida enquanto uma linguagem política de [re]existência que possibilita as corporeidades negras escreverem o próprio corpo na história, subvertendo o apagamento produzido por séculos de colonização estética. Assim, a autora abre a possibilidade para pensar o processo criativo de moda enquanto um modo de resistir ao racismo estrutural, bem como denunciar a falta de reconhecimento sobre os saberes produzidos pelos corpos negros com a intenção de desmontar a hierarquia eurocêntrica que define o pensamento válido como aquele separado da vida e da materialidade.

Logo no primeiro capítulo, Barreto investiga as formas pelas quais a imagem das mulheres negras foi, historicamente, construída para sustentar uma supremacia branca, infiltradas nas estruturas mais simples do cotidiano para moldar a imagem, o desejo e o pertencimento dos indivíduos. O cabelo alisado e o corpo vigiado são experiências trazidas pela autora que a fazem lembrar que, desde cedo, a branquitude ensina meninas negras a rejeitarem seu próprio reflexo. A narrativa autobiográfica funciona como instrumento político, ao revisitar sua trajetória, a autora evidencia que cortar o cabelo alisado, assumir o volume e o crespo, é romper com uma pedagogia colonial que é responsável por constranger e marginalizar estéticas que estão associadas à negritude.

Ao articular politicamente estética e poder, Barreto apresenta a beleza enquanto um campo de disputa racial em que a moda foi responsável por atuar como uma tecnologia de controle. As roupas, os penteados, as maquiagens e os corpos funcionam como marcadores de humanidade para determinar que aqueles que estão dentro dos padrões eurocêntricos sejam vistos enquanto belos e civilizados, já os que não estão, sejam excluídos e inferiorizados. Nesse sentido, o “*Modativismo*” é apresentado pela autora enquanto uma possibilidade para que os corpos negros e todos os que estão distantes dos padrões europeus, reconquistem o direito de se fazer visível fora do espelho colonial.

No segundo capítulo, Barreto aprofunda sua crítica à moda como dispositivo de poder e propõe o conceito de “vestimentar-se” como

alternativa política e espiritual à “adequação”. A adequação é o gesto de submissão ao padrão branco, uma forma de apagar a diferença em busca de aceitação, já a vestimentação é um ato de autodefesa, é um ato de enfrentamento e proteção espiritual, uma espécie de armadura simbólica para a luta diária contra o racismo. Para a autora, as roupas podem ser campos de força que protegem o corpo contra as violências cotidianas, que podem atuar como reza anti-eurocêntrica por dissolver as fronteiras existentes entre o político e o espiritual.

Ao discutir sua própria trajetória como designer e artista, Barreto evidencia o quanto o racismo estrutural se infiltra nas instituições culturais e, por vezes, revela o peso da branquitude acadêmica como forma de silenciamento. O racismo epistêmico ensina que mulheres negras só podem produzir “artesanato”, nunca “arte”. Ao narrar o processo de criação da peça *Yemonja*, inspirada na força das águas e na espiritualidade do mar, a autora revela o poder da reconexão com a ancestralidade como ruptura com o modelo eurocentrado de criação. A moda, quando guiada por essa consciência se transforma em um espaço de reeducação, uma forma de [re]encantar o mundo. Ainda assim, é importante pontuar que a moda afro-brasileirade acordo com a autora, não pode ser reduzida a um conjunto de signos visuais. Uma vez que, é desenvolvida com base no respeito às ancestralidades, na partilha do saber e na horizontalidade do trabalho, evidenciando que o processo de desenvolvimento do produto é muito mais importante que o produto em si. E é justamente esse modo de fazer que o define enquanto decolonial.

O terceiro capítulo é explicitamente político, Barreto apresenta sua experiência de mais de uma década como designer e professora em uma análise das estruturas racistas que sustentam a moda brasileira. Ao descrever as passarelas, os desfiles, as universidades e as marcas de moda, a autora evidencia como cada instância reproduz a hierarquia racial que preserva o privilégio dos corpos brancos no centro da criação e do poder, e reserva aos corpos negros o trabalho manual, à costura, os bastidores, ou seja, a invisibilidade. A autora acentua tal crítica ao analisar a tabela antropométrica que define os tamanhos padronizados de roupas com base em corpos brancos. Esse padrão exclui o corpo negro, com curvas e volume, exemplificando, assim, as formas que o racismo é agenciado e atua no contexto do design e da moda.

Ainda nesse capítulo, a autora narra o boicote que sofreu em eventos de moda no Brasil ao questionar a ausência de modelos negras. Ou seja, o sistema aceita a presença da mulher negra enquanto adorno, mas não tolera sua voz crítica, uma contradição entre o discurso da diversidade e a prática da branquitude brasileira. O *Modativismo* proposto por Barreto, se constitui enquanto uma prática de desobediência, haja vista que ao insistir em ocupar espaços e em formar novas gerações de criadoras de moda negras, a autora reconfigura o campo de produção de conhecimento. A moda, em sua perspectiva, deve ser compreendida como uma forma de pensar com as mãos, de criar conceitos a partir da costura e da experiência de corporeidades que estão além da branquitude.

O último capítulo amplia as perspectivas do livro e consolida o *Modativismo* como epistemologia de [re]existência. A esta altura Barreto propõe uma visão diaspórica da criação, afirmando que o conhecimento negro é por natureza relacional, coletivo e atravessado pela ancestralidade. Ao narrar suas experiências internacionais e sua atuação docente, a autora evidencia como as mulheres negras, ao adentrarem o espaço universitário, desestabilizam as hierarquias do saber e alteram as formas de ensinar e aprender. Em outros termos, o *Modativismo* pode ser reconhecido enquanto uma proposta pedagógica que oferece uma via de ensino e pesquisa que rompe com o padrão eurocêntrico da moda, substituindo o fetiche do consumo pela consciência da criação.

Ao conceber a moda como prática de cura e de memória, Barreto desafia a própria noção da modernidade eurocêntrica, baseada na separação entre razão e emoção, mente e corpo, a partir da experiência da mulher negra, que não pode se dar ao luxo da abstração. Ainda neste contexto, a autora denuncia a violência que se perpetua nas universidades, quando a estética da branquitude é tratada como universal e as experiências negras são relegadas à “diversidade”. Em contrapartida, a autora propõe uma academia decolonial, na qual o conhecimento é produzido desde as margens, lugar em que o corpo negro é reconhecido como fonte de saber e onde a criação artística é legitimada como forma de pensamento.

Assim, a proposta do Modativismo pode ser compreendida em diálogo com o pensamento de Hooks (2013), sobretudo a partir de suas críticas à forma como o conhecimento é produzido e legitimado na academia. Para a

autora, a ideia de um saber neutro e universal encobre relações de poder que afastam a teoria da experiência e desautorizam os conhecimentos produzidos por mulheres negras. Ao transformar sua trajetória pessoal em base para a reflexão teórica, Barreto rompe com tal lógica e afirma a moda como uma prática de pensamento enraizada nas vivências em que o corpo negro deixa de ser apenas objeto de representação para se tornar fonte de análise e criação. Nesse sentido, o Modativismo aproxima-se dos saberes construídos a partir das vivências negras são coletivos, relacionais e atravessados por responsabilidade ética conforme argumenta Collins (ano). A valorização das redes de criação, da partilha de saberes e da ancestralidade como fundamentos do fazer em moda, proposta por Barreto questiona os critérios tradicionais que definem o que é conhecimento válido na academia e no campo da moda. Assim, o Modativismo denuncia a exclusão epistêmica das mulheres negras, bem como propõe outra forma de produzir conhecimento, na qual o fazer artístico se afirma como prática política e como modo legítimo de pensar e existir.

No contexto brasileiro, o ensino da moda reflete o peso secular da colonialidade. As instituições acadêmicas tendem a perpetuar modelos eurocêtricos de criação, historiografia e estética, validando o corpo branco como o padrão de estudo, ao passo que as estéticas e as epistemologias negras e indígenas são frequentemente marginalizadas como matérias periféricas ou exóticas. Barreto propõe um ensino construído a partir do deslocamento o centro do saber da Europa para uma diáspora que tem as vivências como fio condutor. Nessa perspectiva, ensinar moda deixa de ser um exercício de reprodução técnica para se tornar um exercício de desobediência epistêmica, em que o docente atua na mediação de experiências plurais e cria condições para que o conhecimento surja de múltiplos corpos e temporalidades.

Por fim, a leitura de “*Modativismo: Quando a moda encontra a luta*”, permite compreender que a proposição de Barreto transcende a terminologia para se firmar como uma epistemologia pedagógica de [re]existência. Tal abordagem parte da constatação de que a moda no Brasil foi, e ainda é, um campo de exclusão racial e de invisibilização de saberes. Nesse sentido, a autora propõe reconhecer a moda como um campo de criação política, atrelada a uma ancestralidade que possibilita a reescrever as histórias da moda por meio da costura e dos saberes de mulheres negras¹.

1 Correção gramatical realizada por: Jailson Oliveira Sousa, Mestre em Design de vestuário e moda pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí. Lattes: 8722729581428263. Orcid: 0000-0002-9783-1585. E-mail: jailson.designmoda@outlook.com

Agência de pesquisa financiadora da pesquisa

Não Aplicável.

Declaração de conflito de Interesses

Os autores declaram não ter conhecimento de conflitos de interesses financeiros ou relacionamentos pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo.

Declaração de Contribuição dos Autores e Colaboradores (CRediT - Contributor Roles Taxonomy)

Concepção do trabalho: Cristiany Soares dos Santos e Henrique de Souza Goulart. Supervisão: Aníbal Alexandre Campos Bonilla.

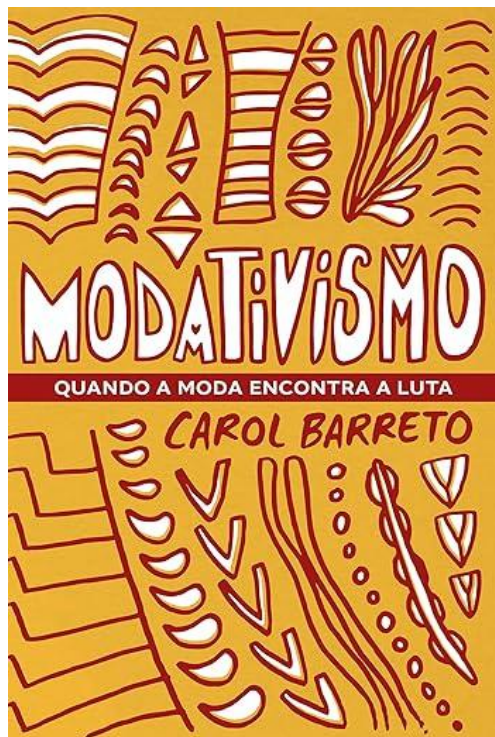
Material suplementar

Todos os dados necessários para reproduzir os resultados estão contidos no próprio artigo.

Agradecimentos

Agrademos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação (PROMOP) pelo apoio financeiro concedido.

Referências



BARRETO, Carol. **Modativismo: Quando a moda encontra a luta**. Editora Paralela, 2024, 206 p.

Carol Barreto é estilista, artista visual, professora e pesquisadora baiana, reconhecida por seu trabalho pioneiro na articulação entre moda, arte e ativismo político. Doutora em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), atua como professora do curso de Design de Moda da mesma instituição, onde desenvolve práticas pedagógicas e projetos voltados à descolonização do ensino da moda e à valorização das epistemologias afro-brasileiras.

COLLINS, Patricia Hill. “Aprendendo com a outsider within: A significação sociológica do pensamento feminista negro”. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.